

# Ensaaios sôbre a História dos Hospitais

## — I —

ANNIBAL VIEIRA

*Sob o título acima serão publicados alguns artigos de autoria do ex-chefe do Gabinete do Diretor do Hospital dos Servidores do Estado. Êstes artigos, vazados em linguagem simples, a fim de permitir sua mais ampla vulgarização, têm por escopo mostrar a evolução dos hospitais, os tratamentos antigamente dispensados aos doentes, as razões que têm motivado as especializações clínicas, e, finalmente, os requisitos que o hospital moderno deve satisfazer para se enquadrar dentro dos princípios básicos do American College of Surgeons.*

### 1. ANTES DA ERA CRISTÃ

**D**ESDE os primórdios do mundo, a solidariedade humana se traduziu pela solicitude do homem em prestar assistência a seus semelhantes, quer abrigando-os das intempéries, quer indicando-lhes remédios empíricos para suas enfermidades. O aperfeiçoamento moral do indivíduo e a noção de família e lar, que logo surgiu e tomou vulto, obrigaram o homem a procurar meios de, embora prestando ou recebendo assistência para males corpóreos, não só evitasse sua família da proximidade de portadores de moléstias repugnantes, mas, igualmente, se acautelasse contra os aventureiros inescrupulosos que se prevaleciam da sua condição de doente, para saquear as propriedades, na primeira oportunidade que se oferecesse.

Foram assim os homens conduzidos a destinar abrigos isolados aos doentes, onde repousavam, eram alimentados e recebiam os tratamentos ao alcance dos hospedeiros.

As referências mais remotas conhecidas sôbre a existência de hospitais pertencem às civilizações Indu e Egípcia. Muitos séculos antes da era cristã, a humanidade já utilizava hospitais para abrigo de aleijados, pobres, mulheres grávidas e doentes. Esta prática foi iniciada por Buda e seu filho Upatiso.

Interessante é notar que, naquele tempo, já ao pessoal em serviço nos hospitais era recomen-

dato tratar os doentes com carinho, usar roupas brancas e ter unhas e cabelos aparados. Aos doentes eram fornecidos vegetais e frutas frescas, remédios e aplicadas massagens. Os médicos indus eram hábeis em cirurgia desconhecendo apenas ligaduras. Outro ponto interessante era o compromisso que assumiam de guardar sigilo das confidências recebidas no exercício da profissão.

No Egito, o tratamento era, de preferência, ministrado em casa do paciente e, só quando isso não se tornava possível, é que êle era levado ao Templo de Saturno, onde os remédios consistiam em fé e orações.

Na antiga Roma, os templos também foram usados como hospitais. A sugestão mental era largamente empregada como terapia, sendo usada a cirurgia como recurso extremo. Em cada santuário existia um altar sagrado onde o paciente, vestido de branco, fazia oferendas e preces. Se obtinha a cura, era ela atribuída a milagre ou visitação divina; em caso contrário, dizia-se que o doente não tinha bastante pureza e era indigno de continuar vivendo.

Os templos gregos é que foram, realmente, os precursores dos modernos hospitais, pelo menos no que se refere ao abrigo de doentes. Um desses santuários, dedicado a Esculápio, deus grego da medicina, diz-se ter existido 1134 anos antes da era cristã. No templo-hospital, existente em Epidauro, havia salas para leitura e quartos para visitantes, médicos, enfermeiros e sacerdotes. Nesse templo, a história clínica dos pacientes era registrada em suas colunas, constituindo tais registros os primeiros arquivos médicos de que tem conhecimento nossa civilização.

Um dos templos gregos mais procurados pelos doentes foi o de Kós. Nesse templo nasceu o ilustre Hipócrates, no ano 460 a. C., onde se tornou médico e sacerdote. Êsse notável homem estabeleceu teorias médicas que têm assombrosa semelhança com as de hoje. Empregou êle os princípios da percussão e auscultação, escreveu sôbre fraturas, praticou numerosas intervenções cirúrgicas, descreveu, como entidades mórbidas distintas, a epilepsia, a tuberculose, a malária e as úlceras. E o que mais surpreende ainda são as anotações



Casa do Trem. Ao fundo, o outeirinho de Sta. Catarina, onde Braz Cubas construiu a Santa Casa de Santos (Quadro de Benedito Calixto)

clínicas que êsse extraordinário homem mantinha sobre a maioria de seus pacientes, anotações que, em alguns casos, podem ser comparadas com as em uso nos hospitais hodiernos.

Antes da era cristã, os hospitais eram templos dedicados aos deuses da medicina, onde o tratamento dos doentes se fazia acompanhar de rituais religiosos, magia e misticismo. Após o aparecimento de Jesus Cristo, que intensificou e despertou os sentimentos de amor e caridade, foi dado novo impulso para estabelecimento de hospitais, que passaram a fazer parte integrante das instituições religiosas, algumas das quais, como a dos Beneditinos, usaram o seguinte lema básico em suas atividades: "*Infirmarum cura ante omnia et super omnia adhibenda est*".

## 2. NAS AMÉRICAS

A saúde dos que demandavam a Terra do Brasil era bastante comprometida pela longa viagem, sujeita às calmarias e suas desagradáveis conseqüências. Soldados, tripulantes e passageiros desembarcavam magros, doentes, reclamando repouso e alimentação.

Para fazer face a essas emergências, foram improvisadas pelos jesuítas as primeiras enfermarias que, também, atendendo aos moradores locais, prestavam abnegada e proveitosa assistência aos enfermos.

Os jesuítas expandiram-se por tôdas as províncias, recolhendo, do convívio com os aborígenes, conhecimentos da flora brasileira e indicações a respeito de suas virtudes terapêuticas. Em troca, portadores de rudimentares conhecimentos dos meios médicos europeus, foram divulgando, pelos núcleos coloniais nascentes, os remédios, a higiene e a cirurgia. Por outro lado, a imigração africana trazia-nos o empirismo, a magia e os bruxedos das superstições feiticistas. Assim, o empirismo dos jesuítas, a arte dos pajés e o feiticismo dos africanos formaram os três elementos que, caldeando-se na retorta de nossa nascente medicina, fizeram surgir o curandeiro, que foi, no Brasil, o primeiro prático das artes médicas.

Pouco a pouco, os principais homens residentes no Brasil sentiram a necessidade de auxiliar os religiosos na nobre missão de cuidar da alma e do corpo, e, por isso, organizaram-se em irmandades, cujo objetivo principal era a prestação de socorros corporais aos necessitados. A essas confrarias de misericórdia couberam a criação e manutenção de nossos primeiros hospitais. Os irmãos dessas confrarias assumiam compromissos, que definiam os fins da irmandade.

Como exemplo, transcrevemos o Capítulo I, do Compromisso de 1551, dos arquivos da Santa Casa de Santos:

"O Fundamento pois desta Santa confraria e Irmandade he cumprir as obras de Mizericordia he necessario

saber as dittas obras quaes são : quatorze, sete por aliás sete espirituaes e sete corporaes, as sete espirituaes são as seguintes :

“A primeyra ensinar os Simples, a segunda dar bom conselho a quem pede, a terceyra castigar os que errão, a quarta consolar os Penitentes desconsolados, a quinta perdoar a quem nos criou, a sexta sofrer injurias com paciencia, a setima lhe rogar pelos vivos e pelos mortos.

“As sete corporaes são as seguintes :

“A primeyra he remir os Captivos e vizitar os prezos, a segunda curar os enfermos, a terceyra cobrir os nus, a quarta dar de comer aos famintos, a quinta dar de beber a quem tem sede, sexta dar pousada aos Peregrinos, a sétima he enterrar aos finados, as quaes obras de Mizericordia se cumpre quanto for possivel.”

Em 1524, Fernão Cortez fundou no México o Hospital Jesus, primeiro edificado no continente americano e, pouco depois, em 1543, Braz Cubas fundava o Hospital de Todos os Santos, na Capitania de São Vicente, que foi o *segundo* no continente, o *primeiro* na América do Sul, sendo, atualmente, o *mais antigo* das Américas.

Braz Cubas, êsse notável homem, de largas visões, ao declarar inaugurada a “Casa de Deus para os homens — Porta aberta ao mar”, traçou as finalidades daquela mansão de caridade “onde todos, absolutamente todos, sem distinção de nacionalidade, côr, credo, classe, que careçam de bálsamo para suas dores, serão recebidos, com alegria, neste sítio de cura”.



Braz Cubas, o fundador da Santa Casa de Santos, o primeiro hospital do Brasil

Seguiu-se, à Santa Casa de Santos, o Hospital da Misericórdia da Bahia, fundado em 1549, no Governo de Tomé de Souza.

O Hospital da Misericórdia do Rio de Janeiro foi fundado, por influência de Anchieta, em 1582, quando aportou nesta Capital a armada do almirante castelhano Diogo Flores Valdez, com muitos soldados doentes. Sabe-se, entretanto, que Mem de Sá edificou algumas igrejas com sua casa de misericórdia e hospital e admite-se, mesmo, que esta vinha funcionando desde 1570.

E os hospitais da Misericórdia do Espírito Santo (1551); de Sergipe (século XVI); de Itamaracá (1611); da Paraíba (1701); de Olinda (1560); de São Paulo (1714); de São Luiz do Maranhão (1657); de Recife (1691); de Ouro Preto (1738); de Belém do Pará (1787); de Campos (século XVIII); de São João Del Rei (1783); — todos êles lutando com dificuldades mas, contando sempre com homens de boa vontade, foram vencendo as intempéries e muitos dêles, até hoje, sobrevivem, prestando assistência aos que sofrem.

Com o correr dos anos a necessidade de hospitais se tornava mais imperiosa não sendo sufi-



“Misericórdia”, tela de Bouguereau (1825-1905) restaurada por Benedito Calixto (1887) e que se encontra no teto do Consistório da Santa Casa de Santos



*Vista da moderna Santa Casa de Misericórdia de Santos — São Paulo — Fachada do edifício da esplanada do Jabaquara*

cientes as acomodações existentes, de natureza pública, que ainda obedeciam às diretrizes traçadas por Braz Cubas, em 1543. Tal situação motivou a criação de hospitais fechados, destinados a determinados grupos sociais, surgindo, assim, os hospitais militares, os privativos de ordens religiosas, os de classes trabalhadoras e, finalmente, o Hos-

pital dos Servidores do Estado, planejado em 1934 e iniciada a construção em maio de 1937, empreendimentos êsses do Governo do Sr. Getulio Vargas.

Trataremos em outro artigo do seguinte assunto: *Matéria Médica Antiga e Curiosa — Especializações Médicas.*